

AS CRIANÇAS E OS PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO NOS RITUAIS DE PARTO: RECEPÇÃO DO BEBÊ NO GRUPO FAMILIAR.

Francisco Alencar de Vasconcelos Neto (Bolsista do PIBIC/CNPq), Maria Lídia Medeiros de Noronha Pessoa (Orientadora – Depto de Ciências Sociais - UFPI).

Introdução

O Trabalho aborda o processo de significação da recepção do bebê pelas crianças do grupo familiar, enfatizando os eventos, os valores, os sentidos, os rituais, os símbolos e a formação da figura do irmão, bem como as técnicas corporais, a linguagem e os cuidados para com o bebê.

A pesquisa tem como objetivos analisar como as crianças se expressam através do corpo no processo de recepção do recém-nascido, verificar os valores e sentidos da recepção do recém-nascido entre as crianças do grupo familiar e verificar os cuidados das crianças para com o bebê após os rituais de parto. E tem como problemática identificar quais são os eventos significativos, as representações e os rituais envolvidos no processo de recepção de um bebê entre as crianças do grupo familiar.

No enfoque teórico da pesquisa foram abordados autores clássicos e atuais da antropologia dos rituais e da antropologia da criança nas discussões sobre os ritos, os eventos e os discursos pós-parto, além das consequências para as crianças receptoras da chegada do bebê, como o desmame, “as técnicas de provocações”, os cuidados das crianças mais velhas para com os mais novos, o “nariz torcido” da criança maior, a educação e a inserção do bebê entre as crianças maiores, além das “técnicas corporais” ensinadas e imitadas de outras crianças e de adultos, bem como a produção sensorial e cognitiva dos bebês através de seu corpo e de seus fluídos. Também foram enfatizados os rituais de morte e suas significações, bem como o corpo e o túmulo enquanto símbolos.

Metodologia

Esta proposta de estudo teve como objetivo metodológico realizar uma pesquisa de campo, que preservasse a interação direta e contínua entre pesquisadores e sujeitos envolvidos no processo de recepção do bebê entre as crianças do grupo familiar. Para isso, eu fiz o levantamento de grupos e localidades, bem como a identificação e definição das crianças receptoras de um irmão-bebê por meio dos cadastros das famílias em postos de saúde e em famílias da minha comunidade.

Trabalhei com famílias populares da zona urbana de Teresina (PI) e de Esperantina (PI) sob a metodologia da observação participante, com conversas cordiais e informais e entrevistas abertas com os sujeitos. Registrei em diário de campo e fiz gravações consentidas das falas dos sujeitos. Utilizei a fotografia, para a análise dos acontecimentos, tanto as capturadas em campo, quanto as pertencentes aos pesquisados.

Neste contexto, me deparei com eventos e rituais importantes. Acompanhei, por diversas vezes brincadeiras das crianças em *playgrounds* e vídeo games. Observei banhos, limpeza e alimentação dos bebês, e as visitas de vizinhos e familiares aos recém-nascidos e festas, como os “mensários”. Devido à morte de um dos bebês estudados e aos consequentes rituais fúnebres, entrevistei rezadores da zona urbana e da zona rural de Esperantina (PI).

A pesquisa etnográfica é importante para identificação dos eventos, dos rituais, dos símbolos e dos valores transmitidos, socializados e ordenados em torno do processo de recepção do bebê entre as crianças do grupo familiar, além da percepção dos cuidados ao bebê e das técnicas de corpo assimilados e imitados pelas crianças. Assim, a aplicação de uma análise contextual das famílias permitiu a identificação de sentimentos contraditórios, a relação das pessoas com os eventos e ritos pós-parto e a significação da fragilidade do corpo do bebê no processo de recepção dos recém-nascidos.

Resultados e discussão

A pesquisa indica que na recepção do recém-nascido por crianças do grupo familiar há, envolvimento na fragilidade do corpo do bebê, a formação da figura do irmão, o surgimento de sentimentos, a agregação de valores novos, a hospitalidade nas brincadeiras, as atividades higiênicas e a percepção de uma linguagem não verbal. A recepção do bebê compreende mudanças sociais, eventos e rituais significantes na vida das pessoas, são eventos performáticos e ordenados (PEIRANO, 2002), em que envolve “rituais de crise de vida” e as caracterizações dos símbolos vistos em Turner (2005). A inserção do bebê, os rituais de parto e suas fases (GENNEP, 1974) caracterizam o processo de recepção do bebê entre as crianças da família.

Esse processo implica a formação da figura do irmão, que se dá a partir da gravidez, em que o discurso e os preparatórios para o nascimento do bebê giram em torno das crises de “ciúmes”, da construção do amor e dos cuidados ao recém-nascido, bem como na percepção de cautelas e significados atribuídos aos filhos receptores. As crises, os dramas e os sentimentos envolvidos na recepção do bebê são descritos nas etnologias entre os japoneses e americanos de Benedict (1997) e as de Mead (1979 e 1981) entre os povos *arapesh* e samoanos, as quais foram observadas na tradição dos cuidados e da educação das crianças maiores aos bebês.

A fragilidade, a sensibilidade, a incapacidade e a passividade tornam o corpo do bebê uma expressiva unidade simbólica e material da recepção entre as crianças, bem como, instrumento para a transmissão de identidade e de valores afetivos, como o amor, os cuidados, a atenção, o parentesco e o companheirismo; os quais, amalgamados à unidade familiar, formam a figura do irmão, assim, como também é símbolo para as realizações dos rituais fúnebres na recepção de um bebê morto por uma criança da família. Neste processo, o corpo do bebê expressa significados e constrói cultura (Ferreira, 1994), além de produzir linguagem e comunicação não verbais (Gottlieb, 2009).

Quanto à análise das “técnicas corporais” (MAUSS, 1974), os cuidados com a higiene e o beijo das crianças são técnicas imitadas e transmitidas por adultos, respectivamente, como valores de cuidado e afeto ao bebê. As “técnicas corporais” podem ser ensinadas (BENEDICT, 1997), moldadas (MEAD, 1981) ou imitadas dos adultos (MAUSS, 1974) e de outras crianças (MENEZES BASTOS, 1978). Inclusive, elas são transmitidas às crianças na recepção do irmão-bebê morto. Os rituais de morte para a consciência coletiva, tratamento da dor e da solidão do aniquilamento (RODRIGUES, 2006), da dualidade de mundos e da simbologia dos cadáveres (THOMAS, 1976) são realizados na morte de um bebê pelos adultos e com participação das crianças maiores.

Conclusão

Assim, a recepção do bebê entre as crianças do grupo familiar é focada nos “ciúmes” e na mudança comportamental da criança maior, como também, no dever de cuidar e amar o irmão-bebê a partir da fragilidade corporal deste último. Foi observada a construção da linguagem e da comunicação do recém-nascido, através de seus fluídos corporais, os quais expressam, para as crianças e os adultos do grupo familiar, sentimentos, necessidades e dores. Além disso, a recepção do bebê morto ocorre por rituais de morte, que envolvem, além da participação do irmão maior, rezadores, velório, batismo, fotografias e o sepultamento do cadáver.

Apoio: PIBIC/CNPq

Referências

- ÁRIÉS, Philippe. **O Homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- BENEDICTH, Ruth. **Crisântemo e a espada**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- FERREIRA, Jaqueline. O corpo sígnico. In: **Saúde e doença: um olhar antropológico**. Organizadores: Paulo César Alves; Maria Cecília Souza Minayo. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: 1974.
- GOTTLIEB, ALMA. **Para onde foram os bebês?** Em busca de uma antropologia de bebês (e de seus cuidadores). *Psicologia USP*, São Paulo/setembro, 2009, 20 (3), 313-336.
- KOURY, Mauro G. Pinheiro. Caixões infantis expostos: o problema dos sentimentos na leitura de uma fotografia. In: **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. (Orgs.) Bela Feldman-Bianco e Míriam L. Moreira Leite. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- MAUSS, Marcel. *As técnicas corporais*. In: **Sociologia e Antropologia**, Vol. II. São Paulo: EPU, 1974.
- MEAD, Margareth. **Adolescência y cultura en Samoa**. Buenos Aires: Paidós, 1981.
- _____. **Sexo e temperamento**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- MENEZES BASTOS, Rafael José de. **A musicologia Kamayurá**. Brasília: FUNAI, 1978.
- PEIRANO, Mariza. **O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/ UFRJ, 2002.
- RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. 2. Ed., ver. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.
- THOMAS, Louis-Vicent. **Antropologia de la muerte**. México: Fondo de cultura económica, 1983.
- TURNER, Victor. **A floresta de símbolos: aspecto do ritual ndembu**. Niterói, RJ: EdUFF, 2005.

PALAVRAS-CHAVE: Rituais. Recepção do bebê. Crianças.